

O reencontro marcado

*“Todo passa y todo queda/pero lo nuestro es passar/passar
haciendo caminos/caminos sobre el mar.*

*Nunca perseguí la gloria/ni dejar en la memoria/de los hombres mi canción/Yo amo los
mundos sutiles/igrávidos y gentiles/como pompas de jabón./ Me gusta verlos
pintarse/de sol y grana, volar/ bajo el cielo azul, temblar/ subitamente y
quebrarse./ Nunca perseguí la gloria/ Caminante,son tus huellas/ el camino y nada
más;/ Caminante, no hay camino/se hace camino al andar.”*

Antonio Machado

“*Encontro marcado*” é o nome de um livro que marcou época, na literatura brasileira, desde seu lançamento em 1956. Nele, quatro jovens (Eduardo Marciano, o protagonista) saíam de sua cidade natal, Belo Horizonte, Minas Gerais, no coração do Brasil, para tentar a “sorte” no Rio de Janeiro, capital do país e centro de toda efervescência cultural. Numa busca permanente de respostas para questões cruciais da existência. Na saída de Belo Horizonte, marcavam um encontro para 15 anos depois a fim de compartilhar sua experiência de buscas, exílio, perdas e travessia. Os personagens estavam calcados nas figuras de Fernando Sabino (Eduardo Marciano), Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Helio Pellegrino. Todos ligados as letras e, Helio também à psicanálise.

A promessa do encontro anos depois, não se cumpre. Não acontece o encontro marcado, ou melhor, como nós, psicanalistas, costumamos dizer, tratou-se do encontro falho. Base da repetição e da possibilidade da surpresa: esperando uma coisa, encontraram-se com outra.

Primeiro Comentário: o resumo acima foi feito com as memórias da leitura primeira, muitos anos atrás. Ao reler a obra (*O encontro marcado*) nos demos conta de que a memória construiu um quarto personagem que não existia na estória/novela original. O leitor funcionou como este mais um que se inseriu no roteiro, encobrendo personagens, acrescentando outros que não existiam. Talvez forma de se integrar, fazer unidade com a novela. Buscando uma coisa, encontram-se outras.

Segunda observação: As questões lançadas no belo argumento desta jornada fazem parte da história da psicanálise e do próprio pensamento pelo menos desde o século 17, quando Descartes definiu o sujeito moderno. “O que temos em comum, acima e apesar de nossas diferenças? E, por consequência, quais são os acordos possíveis? E qual a convivência?...” Interrogantes que se inserem no mal-estar da cultura.

Os psicanalistas aprenderam com Freud e Lacan e também com a experiência de sua análise própria que é um semblante que possibilita o encontro, parcial desde sempre pela impossibilidade da relação sexual. Também sabemos, ou buscamos construir um saber sobre este objeto que sustenta nosso desejo e, sobre cujos efeitos, não teremos jamais o controle. Salva-nos o equívoco, nossa arma contra o sintoma, contra nossa resistência que insiste em não querer nada saber sobre a causa. Aposto na nossa possibilidade de deslocar a fixidez do sintoma, desfazer a certeza fundamentalista e possibilitar um outro enlaçamento.

Talvez tenhamos que nos acostumar ao encontro-desencontro. De qualquer forma a questão persiste: em que podemos confiar? Reconhecer no engano e no equívoco permanente nossa capacidade e disposição de lidar, a cada vez, com as surpresas que se produzem. Aceitar a errância, o erro, mais especificamente o equívoco inevitável a que estamos submetidos pelos limites da razão.

Convergência foi a ficção que constituímos como movimento. Entretanto, se respeitamos o real que co-existe a todo evento, vamos ampliar uma possibilidade. Insistir nos projetos, nas proposições: interrogando os fundamentos a cada vez e reconhecendo as iniciativas. Importante também insistir na gratuidade do desejo que impulsiona o encontro; pois se não houver este “porque sim”, não haverá desejo, nem possibilidade de sonhar. Mesmo reconhecendo que cada ficção é uma, que se revela diferente a cada des-encontro.

Aqui a função do desejo, mais particularmente, do analista. Depois de mais de 15 anos de encontros e trabalhos, deveríamos estar advertidos desta máxima: a frustração e a surpresa fazem parte de uma caminhada conjunta.

A boa surpresa comparece na persistência. Insistimos. Reconhecemos algumas superações – da desconfiança generalizada, por exemplo e lidamos com sua repetição. Talvez advertidos de que a repetição faz parte da estrutura: quem fala repete.

O que esperar de nossos encontros e invenções? Esperar o melhor, parafraseando Lacan. Embora tenhamos que reconhecer que não há um saber que vá unificar nosso movimento, ao contrário, nossa possibilidade encontra-se, justamente, no reconhecimento de que na maior parte do tempo, não queremos saber nada d’isso que escutamos.

Coda

Retornamos ao livro citado no início. O encontro marcado não aconteceu. Mas neste retorno, o personagem pode, inesperadamente, se reencontrar com sua cidade, seu passado, e neste encontro reescrever sua história. E aqui reproduzimos a epígrafe do livro, extraída de uma carta de Helio Pellegrino, psicanalista importante para os brasileiros.

“O homem, quando jovem, é só, apesar de suas múltiplas experiências. Ele pretende, nessa época, conformar a realidade com suas mãos, servindo-se dela, pois acredita que, ganhando o mundo, conseguirá ganhar-se a si próprio. Acontece, entretanto, que nascemos para o encontro com o outro, e não o seu domínio. Encontrá-lo é perdê-lo, é contemplá-lo na sua libérrima existência, é respeitá-lo e amá-lo na sua total e gratuita inutilidade. O começo da sabedoria consiste em perceber que temos e teremos as mãos vazias, na medida em que tenhamos ganho ou pretendamos ganhar o mundo. Neste momento, a solidão nos atravessa como um dardo. É meio-dia em nossa vida, e a face do outro nos contempla como um enigma. Feliz daquele que, ao meio-dia, se percebe em plena treva, pobre e nu. Este é o preço do encontro, do possível encontro com o outro. A construção de tal possibilidade passa a ser, desde então, o trabalho do homem que merece o seu nome.” (De uma carta de Hélio Pellegrino.)

Robson de Freitas Pereira

Notas

1) Há uma edição em espanhol : *Encuentro Marcado*. Editora Luis de Caralt, 1964.

2) **Caminante no hay camino** (poema completo), de Antonio Machado.

Extracto de Proverbios y cantares (XXIX), de Campos de Castilla, 1912

Todo passa y todo queda/pero lo nuestro es passar/passar haciendo caminos/caminos sobre el mar.

Nunca persegui la gloria/ni dejar en la memoria/de los hombres mi canción/

Yo amo los mundos sutiles/igrávidos y gentiles/como pompas de jabón.

Me gusta verlos pintarse/de sol y grana, volar/bajo el cielo azul, temblar/subitamente y quebrarse.

Nunca persegui la gloria

Caminante,son tus huellas/el camino y nada más;/

Caminante, no hay camino/se hace camino al andar.

Al andar se hace camino/Y al volver la vista atrás/

Se ve la senda que nunca/ se há de volver a pisar/

Caminante no hay camino/sino estelas em la mar.

Hace algún tempo en esse lugar/donde hoy los bosques se visten de espinos/

Se oyó la voz de um poeta gritar/

“Caminante no hay camino/ se hace camino al andar...”

Golpe a golpe, verso a verso

Murió el poeta lejos del hogar.

Le cubre el polvo de um país vecino./ Al alejarse le vieron llorar.

“Caminante no hay camino/ se hace camino al andar...”

Golpe a golpe, verso a verso...

Cuando el jilguero no puede cantar. /Cuando el poeta es um peregrino/cuando de nada nos sirve rezar.

Caminante no hay camino/ se hace camino al andar.

Golpe a golpe/verso a verso.”